

RESUMO

Este artigo visa abordar a reestruturação dos espaços pedagógicos a fim de oferecer as crianças um ambiente facilitador ao desenvolvimento de situações de interação, que seja atrativo, acolhedor, seguro e desafiador. Reestruturação essa, pautada no uso dos Cantos de Atividades Diversificadas (CAD's). Essa organização implica a delimitação dos espaços, onde os cantos devem ser dispostos de forma que o educador possa observar as ações da totalidade do grupo, para oferecer condições de conforto e tranquilidade para a realização de jogos e atividades, permitindo ao mesmo tempo, um contato visual das crianças com o adulto, transmitindo-lhes segurança enquanto desenvolvem suas atividades. O design apresenta-se aqui como ferramenta a buscar soluções que simplifiquem o cotidiano das pessoas, com produtos funcionais e conceitos inovadores, visando otimizar a reestruturação dos espaços pedagógicos, a fim de garantir a eficácia do ensino-aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento da autonomia da criança.

Palavras-chave: espaços pedagógicos, design de interiores, CADs

I. INTRODUÇÃO

Quando falamos em organização dos espaços, referimo-nos a um arranjo do ambiente através da distribuição harmoniosa dos objetos em relação ao ambiente que ocupam, tendo como finalidade condições de conforto ambiental para que o ambiente se adéqüe na relação homem-espaço.

No momento que o profissional de design se preocupa com a organização do espaço em função das necessidades de seus ocupantes em busca de uma melhor qualidade de vida, ele está refletindo sobre a otimização do mesmo, para que seja funcional para o grupo de pessoas que o ocupam.

Para efetivar a qualidade do espaço, o designer deve considerar aspectos físicos, estéticos, funcionais, psicológicos e culturais, assim como as cores e as formas a compor o ambiente, para que a percepção espacial de seu ocupante transmita conforto e segurança, em especial na organização dos espaços de educação infantil, pois é a partir da reestruturação desses espaços que propiciar-se-à as crianças, qualidade educativa, em um ambiente

Cadernos da Escola de Comunicação

pedagógico, onde a mobília e os materiais pedagógicos dialoguem com quem o habita.

As estruturações dos espaços possibilitam aprendizagens às crianças e, portanto, necessitam de planejamento, para favorecer interações, ser atrativo, acolhedor, seguro e desafiador, e o designer enquanto projetista pode suprir e facilitar essa necessidade, tendo em vista a dinâmica intensa do educador e das crianças de educação infantil.

II. CANTOS DE ATIVIDADES DIVERSIFICADAS (CAD's)

Visando garantir a formação integral da criança e organizar o tempo didático, propõem-se o trabalho com os Cantos de Atividades Diversificadas (CAD's), em unidades de ensino que não dispõe de múltiplos ambientes. No entanto as salas de aula, em sua maioria, não são adequadas para o cumprimento dessa proposta, acarretando em uma série de dificuldades para o profissional de educação infantil, como espaços pequenos e inadequados, falta de material e mobiliário que se ajustem de maneira flexível para compor os cantos de atividades e falta de planejamento arquitetônico para uma disposição adequada dessa proposta.

Os CAD's possibilitam ao educador organizar a sala de aula, a fim de oferecer situações simultâneas de aprendizagens às crianças. Trata-se de uma modalidade de organização do ambiente que implica a delimitação dos espaços, onde os cantos devem ser dispostos de maneira que o educador possa observar as ações da totalidade do grupo, para oferecer condições de conforto e tranquilidade para a realização de jogos e atividades, permitindo ao mesmo tempo, um contato visual das crianças com o adulto, transmitindo segurança, enquanto brincam.

Um dos objetivos dos CAD's é proporcionar o desenvolvimento da autonomia da criança. Assim ao planejar cada canto, o educador deve dispor todos os materiais que compõem cada um, ao alcance da criança, com o objetivo de descentralizar suas ações da figura do adulto.

Cadernos da Escola de Comunicação

Nas unidades de ensino que não dispõem de múltiplos ambientes, como brinquedotecas e salas de oficinas, é na sala de aula que acontecem as atividades com cantos diversificados, onde um arranjo constante desse ambiente torna-se necessário. Portanto é fundamental a criação de cantos de fácil mobilidade que não interfiram na realização de outras propostas didáticas que proporcionam diferentes aprendizagens.

Torna-se, então, necessário que esses ambientes dispõem de mobiliários, compactos, flexíveis e funcionais, de fácil ajuste permitindo que tudo dentro do espaço esteja ao alcance das crianças, e dispostos de maneira que tudo fique visível para o educador.

A estruturação dos CAD em cada sala dependerá das atividades que serão oferecidas e da programação do professor. O ideal é que essas áreas estejam bem delimitadas para oferecer o desenvolvimento da autonomia para as crianças.

Nos cantos as crianças são divididas em grupos que variam de sete a dez crianças, dependendo da proposta do educador. São montados de acordo com as áreas de conhecimento que contemplam o currículo pedagógico da educação infantil divididos pelas linguagens de aprendizagem (Linguagem Movimento, Linguagem Oral: Leitura e Escrita, Linguagem do Pensamento Lógico Matemático, Linguagens Artísticas e Identidade).

A organização do trabalho pedagógico na educação infantil parte do princípio de procurar proporcionar a criança, o desenvolvimento da autonomia. Na proposta de trabalho com os cantos, a criança deve construir sua capacidade de negociação por meio da ação, de acordo com suas próprias regras. Deve ser capaz de argumentar com seus colegas sempre que quiser trocar de atividade, a fim de convencê-lo a trocar de canto com ele, isto é, a criança que esta no canto das artes e deseja ir para o canto da matemática, deve convencer um colega que ocupa o canto da matemática a trocar de lugar com ele, dado que os cantos são ocupados por um número limitado de crianças, definido pelo educador, em conjunto ou não, com a turma.

Como a proposta dos cantos visa estimular o desenvolvimento da autonomia da criança é fundamental que todo material e objetos disponíveis na

Cadernos da Escola de Comunicação

sala de aula estejam ao alcance delas, possibilitando-as, o livre acesso ao que desejam manipular de acordo com a proposta do educador.

Ao designer cabe buscar soluções que simplifiquem o cotidiano das pessoas, com produtos funcionais e conceitos inovadores, pois estudar e compreender o espaço, tendo em vista seu papel pedagógico, é fundamental para o ensino-aprendizagem, uma vez que sua organização é determinante para o estímulo da autonomia, da criatividade e criação.

III. ATIVIDADES SIMULTÂNEAS

Os espaços pedagógicos de uma sala de aula dentro de uma divisão adequada devem ser estruturados por áreas de aprendizagem, são hoje chamados por diferentes nomes como cantos didáticos, laboratórios, oficinas, cantinhos, zonas circunscritas entre outros.

A importância da estruturação do espaço pedagógico é um tema que vem sendo discutido ao longo da década de 80 até os dias de hoje.

Froebel (1837) e Montessori (1907) foram os primeiros a pensar na organização do espaço pedagógico para as crianças pequenas com a proposta de integrar liberdade e harmonia com o espaço natural.

“O espaço é socialmente construído, refletindo normas sociais e representações culturais que o tornam neutro e, como consequência, retrata hábitos e rituais que contam experiências vividas.” (Horn, 2004) A leitura desse espaço e sua organização refletirão o perfil da turma e influenciará significativamente na formação do indivíduo.

Wallon (1989) e Vygotsky (1984) defendem a perspectiva sócio-histórica de desenvolvimento, relacionam afetividade, linguagem e cognição com as práticas sociais. Na visão de ambos o meio ambiente é fator preponderante no desenvolvimento dos indivíduos, assim o espaço não é natural, mas sim construído, com a participação ativa do sujeito.

“O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com

Cadernos da Escola de Comunicação

ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza freqüentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004).

A organização deve resultar em um espaço amplo que possibilitem as crianças a se movimentar com liberdade. A disposição tradicional de mesas e carteiras ocupando o espaço central da sala de aula inibe a movimentação da criança, impondo a mesma uma “ditadura postural”, resultando em problemas comportamentais em parte da turma, pois algumas delas não se sujeitaram a ficar sentadas por um longo período de tempo, ora por desconforto ora por falta de maturidade, dada a pouca idade da criança.

O ambiente deve ser rico em cores, proporcionando a seus ocupantes conforto visual, deve instigar a criança a novos desafios, chamar-lhe a explorá-lo, usá-lo e re-usá-lo.

“... a forma como organizamos o espaço, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mas fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica”. (Horn, 2004)

A organização do espaço não pode ser desconsiderada nem negligenciada, pois contribui de maneira significativa para a qualidade no ensino.

A organização de um espaço que eduque, reflete o que se pensa sobre a criança e como precisa ser seu processo educativo. Assim a maneira como se dispõem os móveis, os materiais, quais e como são esses móveis e materiais e o modo como eles são ocupados pelas crianças, e como ocorre à interação delas com os mesmos, revelam a concepção pedagógica que está em uso.

IV. ESPAÇO ORGANIZADO PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Cadernos da Escola de Comunicação

O espaço pedagógico é o universo da criança, durante sua permanência nas instituições de ensino. Buscar conhecer seu papel no contexto da educação infantil é uma necessidade iminente, sua concepção deve possibilitar a criança criar, imaginar e construir, precisa traduzir-se em lugar prazeroso, onde a criança se sinta estimulada, garantindo a ela uma educação de qualidade.

Definir uma educação de qualidade não é uma tarefa fácil, pois o próprio termo qualidade não possui um conceito prontamente estabelecido.

“Apesar de a qualidade ser algo muito importante na vida de todos nós, nem sempre paramos para pensar sobre isso. De certa forma, parece mais fácil exigir, falar sobre ou reconhecer a qualidade – num dado produto ou serviço ou num programa, numa pessoa ou numa equipe de trabalho, do que defini-la. E por que essa dificuldade? Acredito que ela decorre de uma série de fatores que se interpenetram, começando com a natureza ambígua, multidimensional e subjetiva do termo qualidade.” (SOUZA, 1998.)

Muitas pessoas têm uma idéia equivocada sobre qualidade na educação, mesmo nos dias de hoje, entendem-na como a formação para o mercado de trabalho, onde o indivíduo deve ser preparado para a atuação empresarial, no sentido de mão de obra qualificada, como sujeito produtivo e competitivo.

Segundo Souza (1998), falar em qualidade na educação infantil é falar de uma estrutura complexa, rodeadas de instâncias e dimensões distintas; daí o caráter de multidimensionalidade a que ela se refere.

Entende-se assim, a qualidade como um processo de natureza participativa e transformadora, com dimensões distintas e diversas que precisam ser contempladas.

A organização dos espaços é uma das dimensões fundamentais para o desenvolvimento da criança. Deve refletir em um ambiente adequadamente organizado, a fim de contribuir no desenvolvimento das potencialidades das crianças na medida em que contribui no desenvolvimento de novas habilidades.

Organizado com vistas ao desenvolvimento e à aprendizagem, permite a sua exploração e manipulação por parte das crianças, que ao explorá-lo o

Cadernos da Escola de Comunicação

reconstrói e, sendo artífice do seu próprio desenvolvimento e saber, vai adquirindo habilidades para utilizar adequadamente os sistemas simbólicos culturais.

A criança constrói a noção de espaço, através da manipulação e percepção. Segundo Piaget (1976), as primeiras noções de espaços construídas pela criança são atribuídas ao espaço prático, que ela vai formando por meio dos sentidos e dos próprios movimentos corporais. Após um extenso processo de coordenação das ações é que o indivíduo começa a construir paulatinamente um objeto permanente e um espaço onde ele se sinta um, entre outros elementos. A noção de espaço vai se aprofundando à medida que a criança vai vencendo gradualmente o egocentrismo, que consegue diferenciar o “eu” e o “mundo”.

Cabe ressaltar, que o espaço pedagógico, não se limita, apenas ao espaço físico, mas sim a todo o ambiente planejado para receber a criança, desde mobília, materiais didáticos, objetos, decoração e relações que nele se desenvolvem. “Essa qualificação do espaço físico é o que o transforma em ambiente” (HORN, 2004.), onde a criança constrói relações entre as pessoas e o mundo e se firma como cidadão crítico.

Segundo Fornero (1998), o espaço escolar configura-se num ambiente de aprendizagem. Utilizar este espaço entendendo-o como promotor do desenvolvimento e da aprendizagem é que irá caracterizá-lo como instrumento facilitador da educação de qualidade.

Para garantir a educação de qualidade os espaços pedagógicos devem ofertar a quem o ocupa atividades diversificadas, que desafiam as crianças a desenvolverem suas potencialidades, experimentando momentos distintos de modo individual e grupal, que influenciem no desenvolvimento de sua autonomia.

Entende-se assim, por educação Infantil de qualidade, aquela capaz de satisfazer as necessidades básicas das crianças, dentre elas, o desenvolver-se e o aprender. A organização dos espaços deve possibilitar a elas o desenvolvimento e a aprendizagem em todas as dimensões humanas. Cabe ao educador a correta utilização desses espaços, e as áreas competentes,

designers, disponibilizarem mobiliário adequado, funcional e de qualidade, para o segmento da educação.

V. A IMPORTÂNCIA DAS CORES E DAS FORMAS PARA O AMBIENTE

Desde muito cedo as crianças percebem que tudo ao seu redor possuem materiais, tamanhos diferentes, cores e formas. O uso das cores e das formas possuem ligação direta com o desenvolvimento da criança, pois produzem estímulos decorrentes da presença de objetos coloridos no ambiente que ela ocupa, contribuindo diretamente para o aprimoramento de sua capacidade cognitiva e motora.

“A cor ocupa um importante papel na vida da pessoa, por ser, por meio da percepção que se estabelece, a sucessão da sensibilização, do sentimento, da decisão, da modificação comportamental (atitude) e, inclusive, da reação em função do estímulo cor recebida/ resposta.” (Farina, 1990.)

As cores e as formas representam influências diretas na vida da criança, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento psicomotor, por isso a importância dos ambientes, por elas ocupados, serem repletos de cores vibrantes e alegres.

Ao considerarmos as possibilidades que a cor pode oferecer, percebemos o potencial que a permeia como a capacidade de liberar as reservas da imaginação criativa do homem.

Segundo Farina, a cor é vista, pois impressiona, é sentida, uma vez que provoca emoção, é construtiva, tem significado próprio, e tem valor de símbolo e capacidade, pois pode construir uma linguagem que comunique uma idéia.

“Kandinsky, afirma que a cor exerce uma influência direta: “A cor é toque, o olho, o martelo que faz vibrar a alma, o instrumento de mil cordas.” (Farina, 1990)

A cor influencia na criação dos espaços, o volume de um objeto, por exemplo, pode ser alterado, de acordo com a cor que nele se aplica. As superfícies claras parecem sempre maiores, pois a luz, ao refletir no objeto lhe

confere amplitude. As cores escuras, por sua vez, diminuem os espaços e objetos.

A cor tem um valor decisivo para os objetos, especialmente nas promoções de vendas. As cores exalam expressividade e, sua escolha, ao aplicá-la em um objeto, deve considerar o consumidor final, o público a que se destina.

O universo infantil é permeado de cores alegres, que dão um toque de vivacidade ao ambiente. Portanto, sua aplicação nos objetos e mobiliários infantis deve ser pensado, como fim de causar impacto, de chamar e prender a atenção da criança, buscando estimulá-la, em direção ao desenvolvimento de sua criatividade.

“As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo... As cores fazem parte da vida do homem porque são vibrações do cosmo que penetram em seu cérebro, para continuar vibrando e impressionando sua psique, para dar um som e um colorido ao pensamento e às coisas que o rodeiam.” (Farina, 1990.)

Os cientistas atribuem ao longo dos anos significados psicológicos as cores, são estudos e pesquisas realizados por psicólogos e especialistas em cores. Segue abaixo a relação do que esses estudiosos dizem a respeito do significado psicológico das cores, sendo aqui privilegiados, o vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo, que são cores predominantes no mobiliário infantil.

- Vermelho: sua associação afetiva é dinamismo, força, baixeza, energia, revolta, movimento, barbarismo, coragem, furor, esplendor, intensidade, paixão, vulgaridade, poderio, vigor, glória, calor, violência, dureza, excitação, ira, interdição, emoção, ação, agressividade, alegria comunicativa, extroversão. O vermelho simboliza uma cor de aproximação, de encontro.
- Laranja: corresponde ao vermelho moderado, sua associação afetiva é força, luminosidade, dureza, euforia, energia, alegria, advertência, tentação, prazer, sendo de humor. Simboliza o flamejar do fogo.
- Amarelo: associação afetiva corresponde a iluminação, conforto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo,

Cadernos da Escola de Comunicação

inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, variabilidade, euforia, originalidade, expectativa. Simboliza a cor da luz irradiante em todas as direções.

- Verde: sua associação afetiva é adolescência, bem estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberalidade, tolerância, ciúme. Simboliza a faixa harmônica que se interpõe entre o céu e o sol, é uma cor reservada e de paz repousante, que favorece o desencadeamento de paixões.
- Azul: a associação afetiva refere-se a espaço, viagem, verdade, sentido, afeto, intelectualidade, paz, advertência, precaução, serenidade, infinito, meditação, confiança, amizade, amor, fidelidade, sentimento profundo. É uma cor que dá a sensação de movimento para o infinito.
- Roxo: sua associação afetiva remete a fantasia, mistério, profundidade, eletricidade, dignidade, justiça, egoísmo, grandeza, misticismo, espiritualidade, delicadeza, calma. É uma cor que possui um forte poder microbicida.

É comprovado por inúmeros cientistas que as cores influenciam no humor e nos sentidos. As cores quentes, como o vermelho, o amarelo e o laranja, são excitantes para as crianças, desencadeando nelas um comportamento mais ativo, já as cores frias, como o azul, o roxo e o verde, são calmantes, provocando um comportamento mais passivo. Torna-se então, necessário ao designer, o correto uso das cores e suas combinações no ambiente, a fim de torná-lo harmonioso e equilibrado, resultando em um ambiente agradável tanto para as crianças quanto para os educadores.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito antes de ser um projetor, o designer é um pesquisador, um investigador, pois para projetar um novo produto e chegar a um novo conceito, ele precisa saber o modo de vida da demanda a que se destina seu produto, conhecer seus hábitos de consumo e suas preferências mercadológicas, pois como em qualquer outra profissão, a pesquisa garante ao profissional, melhores resultados em seu trabalho, garantindo a eficácia da interação produto – usuário.

Um projeto de design caracteriza-se por sua natureza artística, estética, social e científica,

“esses quatro elementos estão presentes no Design, há um coeficiente artístico muito grande. Há um coeficiente científico e técnico dentro do projetual. É social, porque, quando a gente está falando em Design, está falando em melhor projetar para melhorar a qualidade de vida.” (Bruno Porto, Revista Triades/ISSN 1984-0071)

Em nosso caso de estudo, a reestruturação dos espaços pedagógicos, o profissional de design precisa ir além, necessita-se um vasto conhecimento da pedagogia e da psicologia infantil, o mundo mágico do universo infantil e como as características e propriedades de seu produto influenciaram no cotidiano da criança e do professor, uma vez que a interação do produto dar-se-à por ambos.

As pesquisas do profissional resultam num projeto que seja o reflexo do usuário, assim o espaço pedagógico reestruturado será rico em cores e formas para prender a atenção da criança e lhe garantir estímulo em seu processo de ensino-aprendizagem, será confortável e adequado para a correta interação postural de seus ocupantes e será funcional, garantindo ao educador praticidade em sua intensa dinâmica de trabalho.

Tendo em vista que a educação infantil objetiva o desenvolvimento de habilidades e da autonomia das crianças, o designer deve pensar o espaço de sala de aula em sua funcionalidade e praticidade, considerando a dinâmica de

pré-escola e suas particularidades, garantindo assim, o desenvolvimento pleno da criança.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDIOLI, A. (org.) O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos. São Paulo: Cortez. 2004.

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 1996. Brasília: Senado Federal. 1997.

DIDONET, Vital (vice-presidente da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP) para a América do Sul e a América Central. 2001.

DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO MUNICIPAL DE CURITIBA. Volume II – Educação Infantil. Curitiba. 2006.

FARINA, Modesto. Psicodinâmica das Cores em Comunicação. São Paulo: Edgard Blucher LTDA. 2005.

FORNEIRO, Lina I. A organização dos espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre, Artmed, 1998, p. 229-281.

FREINET, Célestin. Pedagogia do Bom Senso. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

HORN, M. G. S. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed. 2004.

KAMII, Constance. Jogos em Grupo na Educação Infantil: Implicações da Teoria de Piaget. 1. ed. Ed. Artmed. 1991.

MONTESSORI, M. A Criança. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. Educação Infantil: Muitos Olhares. Cortez Editora. DeVRIES, Rheta; ZAN, Betty. A Ética na Educação Infantil. Artmed: Porto Alegre. 1995.

Cadernos da Escola de Comunicação

PIAGET, J. INHELDER, B. A Representação do Espaço na Criança. Porto Alegre, Artmed, 1993.

SOUSA, Maria de Fátima Guerra de. Educação Infantil: os desafios da qualidade na diversidade. Palestra de abertura do Seminário Nacional de Educação Infantil do SESI: Identidade na Diversidade. Belém, 1998.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 2. ed. Porto Alegre: Martins Fontes. 1988.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1995.